

Gayle Forman

Quando
eu parti

Tradução
Ryta Vinagre

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

Nova York

1

Maribeth Klein estava trabalhando até tarde, à espera da conclusão das provas finais da edição de dezembro, quando infartou.

Aquelas primeiras pontadas no peito, porém, pareceram mais aflição que dor, e ela não pensou imediatamente em *coração*. Pensou em indigestão, provocada pela comida chinesa gordurosa que devorou, à própria mesa, uma hora antes. Pensou em ansiedade, provocada pelo tamanho da lista de afazeres para o dia seguinte. Pensou em irritação, provocada pela conversa com o marido, Jason, que mais cedo, quando ela telefonou, dava uma festinha com Oscar e Liv, apesar das reclamações do vizinho de baixo, Earl Jablonski, e ainda que manter os gêmeos acordados depois das oito aumentasse a probabilidade de um deles acordar no meio da noite (e de acordar Maribeth também).

Mas não pensou no coração. Maribeth tinha 44 anos. Sobrecarregada e extenuada, mas mostre a ela uma mãe que trabalha fora que não o seja. Além disso, Maribeth Klein era o tipo de mulher que, quando ouvia um estampido, não pensava em tiro. Pensava que alguém havia deixado a TV alta demais.

Assim, quando o coração começou a emperrar, Maribeth apenas desencavou um frasco de antiácido da mesa e chupou uma pastilha enquanto desejava que a porta do escritório de Elizabeth se abrisse. Mas a porta

continuava fechada e Elizabeth e Jacqueline, diretora de criação da *Frap*, debatiam se alteravam ou não a capa, agora que vídeos de sexo da jovem e famosa atriz que a agraciava vazaram na internet.

Uma hora depois, a decisão foi tomada e a última prova foi liberada e enviada à gráfica. Antes de ir embora, Maribeth passou no escritório de Elizabeth para se despedir, mas se arrependeu de imediato. Não só porque Elizabeth, notando o horário, observou que Maribeth parecia cansada e lhe ofereceu um voucher para que um carro a levasse até sua casa — uma gentileza que deixou Maribeth constrangida, porém não o bastante para rejeitar —, mas também porque Elizabeth e Jacqueline faziam planos para o jantar e pararam de conversar assim que Maribeth entrou na sala, como se ainda estivessem comemorando uma festa para qual ela não fora convidada.

Em casa, ela caiu num sono inquieto, acordando com Oscar esparramado ao seu lado na cama; Jason já havia saído. E muito embora ela se sentisse pior que na noite anterior — exausta e enjoada, devido à péssima qualidade do sono e à comida chinesa, imaginava, mas também com o maxilar dolorido por motivos que não entendia e que mais tarde viria a saber serem todos sintomas de seu infarto progressivo —, Maribeth arrastou-se da cama e, de algum jeito, conseguiu que Liv e Oscar se vestissem e caminhassem as dez quadras até a BrightStart Preschool, onde ela passou pelo corredor polonês formado por outras mães, que a fitaram com uma condescendência fria porque, desconfiava Maribeth, ela só levava as crianças às sextas-feiras. Jason cuidava das outras manhãs (algo que as mães da BrightStart certamente consideravam digno de respeito), de modo que Maribeth pudesse chegar à mesa cedo o suficiente para sair lá pelas quatro e meia.

“Curta jornada de trabalho”, prometera Elizabeth. “Sextas-feiras de folga.” Isso foi dois anos antes, depois que Elizabeth foi nomeada editora-chefe da *Frap*, uma nova (e bem financiada) revista sobre o estilo de vida das celebridades, e aqueles foram os chamarizes que ela usou para seduzir Maribeth a voltar a trabalhar em período integral. Bem, isso e o gordo salário, do qual ela e Jason precisavam para pagar a futura pré-escola dos gêmeos, cujo custo, conforme brincou Jason, era “exorbitante ao quadrado”. Na época, Maribeth trabalhava como freelancer, em casa, mas não ganhava nada parecido com um salário de período integral. Quanto ao emprego de Jason em um arquivo de música sem fins lucrativos, bem, a escola devoraria metade

da renda anual. Havia uma herança do pai de Maribeth, mas, embora fosse generosa, teria coberto apenas um ano. E se eles não conseguissem uma vaga na pré-escola pública (cuja probabilidade, segundo alegavam, era mais baixa que de entrar em Harvard)? Eles precisavam muito do dinheiro.

Mas a verdade era que, mesmo que a pré-escola fosse gratuita, como aparentemente era na França, Maribeth desconfiava de que aceitaria o emprego só pela oportunidade de enfim trabalhar ao lado de Elizabeth.

A curta jornada de trabalho passou a durar oito horas, e muito mais durante os fechamentos de edição. Aquelas sextas de folga transformaram-se em seu dia mais atarefado na semana. Quanto a trabalhar lado a lado de Elizabeth, bem, isso também não saiu exatamente como esperado. Aliás, nada saiu como esperado, exceto, talvez, a pré-escola. Esta era tão cara quanto eles previram.

Na hora da roda de leitura, Maribeth abriu o livro que Liv escolhera com tanto cuidado para a leitura do dia, *Lilly's purple plastic purse*, e piscou como se as palavras dançassem pela página. No início daquela manhã, depois de ter vomitado bile, ela sugerira à filha que talvez esta devesse adiar a leitura para a sexta-feira seguinte, o que provocou um ataque de pirraça em Liv: “Mas você nunca vai na escola”, choramingara a filha. “Você não cumpre promessa nenhuma!”

Ela conseguiu ler o livro inteirinho, embora soubesse, pela cara feia de Liv, que seu desempenho tinha sido medíocre. Depois da roda de leitura, ela se despediu dos gêmeos e pegou um ônibus para voltar as dez quadras até sua casa, onde, em vez de se deitar como queria tão desesperadamente, foi verificar o e-mail. No alto da fila havia uma mensagem da secretária de Elizabeth, Finoula, enviada tanto para sua conta pessoal quanto para a profissional, perguntando se Maribeth podia fazer uma edição rápida no artigo anexo. Em sua caixa de entrada também estava a lista de afazeres que enviara do trabalho, por e-mail, para si mesma na noite anterior. Continha 12 itens, 13 se fosse incluído o artigo que Finoula acabara de enviar. Embora em geral evitasse deixar alguma coisa de fora — quando assim fazia, as listas criavam metástase —, ela embaralhou o dia mentalmente, priorizando o que não podia ser adiado (ginecologista, contador, encontro com Andrea), o que podia (telefonema ao fonoaudiólogo de Oscar, lavanderia a seco, correio, vistoria do carro) e o que podia ser passado a Jason, para quem ela telefonou já no trabalho.

— Oi, sou eu — disse ela. — Dá para você providenciar o jantar de hoje?

— Se não está com vontade de cozinhar, vamos pedir no delivery.

— Não podemos. É o jantar dos Pais de Gêmeos. Seremos os anfitriões — lembrou a ele. Porque, embora estivesse no calendário e ela tenha lhe falado no início daquela semana, e embora os jantares viessem acontecendo de dois em dois meses havia mais de dois anos, era um evento que ainda os pegava de surpresa. — Não estou me sentindo muito bem — acrescentou Maribeth.

— Então cancele — disse ele.

Ela sabia que ele diria isso. Jason adorava a saída fácil. Mas a única vez em que alguém cancelou um jantar foi dois anos antes, logo depois do furacão Sandy. E, sim, ela sabia que aquele tipo de evento não fazia o estilo de Jason. Mas ela havia ingressado no grupo quando os gêmeos tinham seis semanas, e, na época, estava morta de cansaço de tudo e se sentia incrivelmente solitária por ficar sozinha em casa o dia inteiro só com eles. E, sim, talvez alguns pais fossem irritantes (como Adrienne e as volúveis exigências alimentares para Clementine e Mo, baseadas em qualquer estudo nutricional que ela acabara de ler na *Times* — nada de laticínios, nada de glúten, agora era dieta paleolítica). Mas aqueles foram seus primeiros amigos-pais. Mesmo que ela não gostasse exatamente de todos, eram seus companheiros de guerra.

— Estou esgotada — confessou ela a Jason. — É tarde demais para cancelar.

— É que meu dia está muito louco — disse Jason. — Temos dezenas de milhares de arquivos para migrar antes da atualização do banco de dados.

Maribeth imaginou um mundo no qual um dia louco a isentava de lidar com o jantar. Isentava de qualquer coisa. Ela adoraria viver num mundo assim.

— Não dá para só preparar alguma coisinha? Por favor. — *Não me diga para pedir pizza*, pensou Maribeth, o peito apertado, mas não do estresse, como havia pensado, e sim devido ao estrangulamento do sangue pela artéria coronária estreitada. *Por favor, não me diga para pedir pizza.*

Jason soltou um suspiro.

— Tudo bem. Vou fazer frango com azeitona. Todo mundo gosta.

— Obrigada. — Ela quase chorou de gratidão por se livrar da enrascada, sentindo uma raiva residual por sempre entrar em enrascadas.

Precisou de quinze minutos para percorrer as três quadras até a cafeteria onde marcara um encontro com Andrea Davis, ex-colega da *Rule*. Maribeth bem que gostaria de cancelar o compromisso, mas Andrea, divorciada e com dois filhos adolescentes, agora estava sem emprego porque a revista de compras onde trabalhava fechou. Assim como a *Rule* fechara. Assim como muitas revistas nas quais elas trabalharam fecharam.

— Você tem tanta sorte por estar na *Frap*, com Elizabeth — comentou Andrea, durante o café cujo cheiro dava ânsias de vômito em Maribeth. — O negócio está feio por aí.

Sim, Maribeth sabia disso. Feio mesmo. Ela reconhecia sua sorte.

— Já faz muito tempo desde a *Rule* — disse Andrea. — Lembra depois do 11 de Setembro, quando rasgamos a edição inteira e refizemos tudo do zero? Aquelas madrugadas, todos nós trabalhando juntos, o cheiro de plástico queimado. Às vezes penso que aqueles foram os melhores dias de minha vida. Isso não é doentio?

Maribeth queria dizer que, às vezes, também se sentia assim, mas no momento parecia tão sem fôlego que mal conseguia falar.

— Você está bem? — perguntou Andrea.

— Estou passando mal — admitiu Maribeth. Ela não conhecia Andrea assim tão bem, o que facilitava na hora de contar a verdade. — Sintomas esquisitos. Dores, por exemplo. No peito. Estou com medo de que seja meu... — Ela não conseguiu terminar.

— Seu coração? — perguntou Andrea.

Maribeth assentiu enquanto o órgão citado se apertava de novo.

— Vou para o pronto-socorro pelo menos uma vez por ano, convencida de que estou tendo um infarto. Sinto dor no braço e tudo. — Andrea balançou a cabeça. — Mas aí nunca é nada. Tudo bem, não é nada, é só refluxo. Pelo menos comigo.

— Refluxo?

Andrea fez que sim com a cabeça.

— Refluxo ácido. Um subproduto de uma coisa chamada estresse. Já ouviu falar?

É claro, estresse. Isso fazia mais sentido. Porém a *Frap* acabara de traçar o perfil de uma estrela de 27 anos de um seriado de TV diagnosticada com esclerose múltipla. “Nunca se sabe”, disse a atriz no artigo. E então, duas

semanas atrás, a mãe de Maribeth telefonara contando que a filha de 36 anos de sua amiga Ellen Berman fora diagnosticada com câncer de mama em estágio quatro. Muito embora Maribeth jamais tivesse sido apresentada a Ellen Berman nem à filha, sentiu-se péssima por ela e apavorada o bastante para marcar uma consulta com a ginecologista (e com certeza precisava fazer uma mamografia também; não marcava uma havia anos). Porque aquela atriz tinha razão: nunca se sabe.

E na realidade Maribeth não sabia que, àquela altura, seu tecido cardíaco já havia começado a morrer por falta de oxigênio. Assim ela deu continuidade ao dia. Prometeu a Andrea que perguntaria a Elizabeth sobre alguma vaga ou recomendação, depois pegou um táxi para o escritório do contador para poder lhe entregar os comprovantes anuais, assim a declaração do imposto de renda — já na prorrogação desde abril — poderia ser preparada a tempo para o prazo final, na semana seguinte. Então foi de táxi ao consultório da Dra. Cray, porque, embora se sentisse tonta agora e desejasse mais que tudo ir para casa e desabar, já estava seis meses atrasada para o exame ginecológico anual e não queria acabar como a filha de Ellen Berman.

E como Maribeth não sabia que o cansaço que sentia era resultado do sangue cada vez menos oxigenado que fluía em seu corpo, disse à enfermeira da Dra. Cray que se sentia bem, mesmo enquanto a enfermeira tomava seus sinais vitais e notava que a pressão sanguínea parecia anormalmente baixa, e perguntava se ela talvez estivesse desidratada. Talvez estivesse. Talvez fosse isso. Então ela aceitou um copo d'água.

Maribeth não pensou no coração. E talvez jamais teria pensado caso não fosse a Dra. Cray, que lhe perguntou se ela estava bem.

A pergunta em si era protocolar. Mas a Dra. Cray — que fez o parto de Oscar e Liv, e vinha cuidando de Maribeth desde então — por acaso fez a pergunta durante o exame mamário, justamente quando seus dedos sondavam gentilmente o seio esquerdo de Maribeth, pouco acima do coração, que não doía mais, porém parecia esticado feito couro de tambor, uma sensação que a fazia se lembrar de uma barriga de gestante. Sem alternativa, Maribeth respondeu:

— Bem, na verdade...